

Comemorações do ISCAL 2019

Comemorações como a que hoje aqui tem lugar celebram um passado, uma história, e uma tradição, que, no nosso caso, pela sua extensão, pela sua relevância, e pelo seu impacto na comunidade ao longo de gerações, certamente nos enchem a todos de orgulho. O passado, a história, e a tradição, no entanto, só são relevantes se efetivamente permitirem lançar pontes para o futuro e ajudar a desbravar os caminhos que nos conduzem a uma melhoria contínua e sustentada. Por isso, nada me parece mais adequado do que aproveitar esta ocasião para falar do futuro; do nosso futuro enquanto agentes do processo educativo, do nosso futuro enquanto criadores de conhecimento, do nosso futuro enquanto parte integrante de diversas importantes realidades sociais.

Começo por me deter um pouco sobre as práticas pedagógicas, com o intuito de fazer um apelo aos mais de 200 professores que atualmente lecionam no ISCAL. Este apelo vai no sentido da necessidade de atualização e renovação constante e sistemática. De atualização e renovação não só ao nível dos conteúdos programáticos lecionados, mas também e sobretudo das práticas de ensino. Há hoje um maravilhoso mundo novo no que concerne às ferramentas e técnicas de comunicação disponíveis, que não podemos ignorar e das quais devemos fazer o melhor uso possível para potenciar a experiência e os resultados de aprendizagem dos nossos estudantes.

Há necessidade de tornar cada vez mais o ensino e a aprendizagem processos ativos, de interação, de partilha, e de experimentação; há que promover a autonomia do estudante, colocando-o perante situações em que tem de tomar decisões e nas quais entenda as repercussões das suas escolhas; há que transformar a sala de aula num lugar criativo, de debate de ideias, de desconstrução de dogmas, e onde aos conteúdos programáticos se encontre sempre associada uma visão crítica e de constante inquietação e interrogação.

Uma visão ativa do processo de ensino e aprendizagem não pode passar ao lado do potencial tecnológico atualmente disponível. São hoje inúmeras as ferramentas que podem fazer do smartphone, do tablet, ou do computador pessoal poderosos instrumentos ao serviço da interatividade no ensino. Múltiplas aplicações, muitas delas disponíveis *on-line* e sem custos, transportam-nos para um fantástico universo de práticas pedagógicas deveras estimulantes e desafiantes.

Para além das aplicações móveis, os novos recursos comunicacionais podem-nos levar a outras realidades; na realidade, podem-nos levar quase onde a nossa imaginação nos conseguir conduzir. A captação de voz e imagem faz-se presentemente, como sabemos, com uma facilidade sem precedentes; a partilha de conteúdos é automática e instantânea; e até os *power-points*, que ao longo de muitos anos nos acompanharam, são hoje pré-história num mundo de tantas e tão eficientes novas ferramentas multimédia.

Acima de tudo, não podemos ignorar que as tecnologias de comunicação derrubaram as paredes da sala de aula; estas não existem mais, porque tudo o que é feito por outros nos pode chegar e porque tudo o que nós fazemos pode chegar aos outros. Isto tem sobretudo o efeito de aumentar a responsabilidade e a exigência que nós enquanto professores do ensino superior temos, porque ou produzimos conteúdos de qualidade e os transmitimos de forma eficaz, de modo a servir os nossos estudantes e estudantes localizados remotamente, ou então o contrário acontece: quando os conteúdos disponibilizados por terceiros são percebidos como de manifesta melhor qualidade que os nossos, numa era em que as barreiras para a sua transmissão se tornaram praticamente inexistentes, corremos o risco concreto e imediato de ver os nossos alunos migrar para outras formas de acesso ao conhecimento.

E não nos esqueçamos que esta não é uma realidade local, mas sim global; dados da UNESCO indicam que em 2016 havia 216 milhões de estudantes no ensino superior em todo o mundo e que é previsível que este número chegue perto dos 600 milhões em 2040. É este o nosso universo de potenciais estudantes dentro de poucos anos; Se lhes vamos conseguir chegar? Se vamos continuar a atrair

estudantes para o ISCAL, presencialmente ou remotamente? Esse é o desafio que se coloca, e que certamente não poderá ser cumprido se nos agarrarmos às mesmas práticas pedagógicas de sempre, sem arriscar, sem inovar, e sem ir de encontro aos anseios e expectativas das novas gerações.

Em segundo lugar, é também pertinente nesta ocasião mencionar e refletir um pouco sobre as práticas de investigação científica e técnica desenvolvidas no ISCAL e sobre os resultados de investigação que têm vindo a ser por nós alcançados. É facilmente reconhecível que um caminho importante tem sido trilhado nos últimos anos, com um crescimento muito significativo do número de docentes detentores do grau de doutor e do título de especialista, o qual tem sido também naturalmente acompanhado por uma alteração favorável, de natureza não só quantitativa mas também qualitativa, ao nível do trabalho de investigação publicado.

Há, no entanto, ainda um percurso longo a percorrer. O ISCAL, enquanto parte integrante de uma instituição de ensino superior politécnico, vê-se confrontado com as hesitações e ambiguidades que, desde a sua génese, têm caracterizado o percurso do subsistema de ensino superior politécnico. Pretende-se, por um lado, um ensino técnico e profissionalizante; no entanto, por outro lado, as exigências de quem nos avalia, nomeadamente a Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES), vão essencialmente no sentido de apresentarmos resultados de investigação que em pouco se distinguem daqueles que são requeridos às instituições do subsistema universitário; não sendo esta a nossa matriz de partida, o esforço envolvido e a exigência do que se pede a cada um de nós é naturalmente maior.

Mas tal não significa de todo que esse caminho não possa ser feito, e que o ISCAL não se possa afirmar, no médio prazo, como uma referência na investigação nas suas áreas de atuação. O primeiro passo a dar para identificar o caminho que falta percorrer consiste em ganhar consciência plena de onde efetivamente hoje estamos.

Procedendo a uma avaliação global dos resultados de investigação alcançados nos anos mais recentes, é legítimo afirmar que, grosso modo, a distribuição das publicações dos docentes do ISCAL segue de perto uma distribuição de Pareto. Para quem não o tenha presente, recordo que uma distribuição de Pareto é uma distribuição estatística que, em traços gerais, concentra um grande número de observações num número pequeno de indivíduos, e é precisamente aqui o caso.

Não quero deixar de frisar este ponto, que me parece deveras relevante: os resultados de investigação do ISCAL, e nomeadamente os resultados que podemos transmitir à A3ES e a outras entidades a este propósito, estão concentrados maioritariamente em apenas alguns investigadores de alto gabarito que temos no ISCAL, num universo de mais de 200 professores. Aos primeiros quero deixar aqui um agradecimento especial por aquilo que têm feito em prole da nossa instituição; aos restantes peço um esforço acrescido para que possamos rapidamente mudar a forma da distribuição que caracteriza o perfil da nossa investigação, e para que sejamos progressivamente mais aqueles que contribuem para a afirmação científica do ISCAL.

Que caminhos deve seguir a investigação e a criação de conhecimento no ISCAL, é uma questão pertinente que podemos colocar. Por um lado, parece-me essencial preservar a autonomia e a diversidade. Os nossos docentes devem ter a liberdade de desenvolver as linhas de investigação para as quais se consideram mais aptos e em relação às quais julgam ter melhores condições para atingir e publicar resultados.

Não obstante, não quero deixar, neste contexto, de sugerir igualmente que uma reflexão sobre eventuais linhas de investigação abrangentes, caracterizadoras daquilo que é o trabalho técnico e científico do ISCAL no seu todo, possa ser também uma reflexão interessante e importante a ser seguida. Não é de todo irrelevante termos uma resposta concreta e sem ambiguidades à questão que certamente, em diversos contextos e ocasiões, nos poderá ser colocada: Qual é o cunho próprio, qual a imagem de marca, da

investigação técnica e científica produzida no ISCAL, que o distingue e destaca face a outras instituições de ensino superior?

O terceiro e último apontamento que queria deixar relaciona-se com o nosso futuro para além das duas vertentes atrás discutidas: o ensino e a investigação estritamente ditos. Em particular, faço duas menções que me parecem relevantes.

A primeira consiste em destacar a necessidade urgente de melhoria das nossas condições físicas de funcionamento. O já há muito aguardado novo edifício do ISCAL no campus de Benfica do IPL é hoje uma realidade mais próxima que no passado. Esperemos que das autorizações necessárias para abertura do concurso de construção à concretização e conclusão da obra o caminho seja breve e que os passos a dar sejam firmes e determinados. Poder melhorar as condições de trabalho de estudantes, colaboradores não docentes, e docentes, é um anseio há muito de todos nós, e ninguém duvida que a migração para as novas instalações significará a transição do ISCAL para um patamar qualitativo consideravelmente melhor do que aquele que hoje ocupa.

A última nota dirijo-a àqueles que nos estão próximos, empresas, ordens profissionais, e entidades da sociedade civil com as quais colaboramos, há mais ou menos tempo, e com as quais consideramos imprescindível manter uma relação cordial e de proximidade no sentido de promover o benefício mútuo. Ninguém chega certamente a tão prolecta idade como aquela que hoje estamos aqui a comemorar sem que pelo caminho se façam bons amigos, em quem se possa confiar, e com quem se possa trocar ideias e experiências. A todos os amigos que o ISCAL foi orgulhosamente conseguindo fazer e manter ao longo dos últimos 260 anos queria aqui deixar um agradecimento especial por essa amizade, a qual espero que venha a perpetuar-se por muitos e bons anos.

Presidente do ISCAL, Professor Doutor Orlando Gomes

22 de maio de 2019